





POLÍTICA INTERNACIONAL

II Série | Número 27 | Fevereiro 2005



DIRECTOR: JOÃO FERREIRA DE SOUSA . DIRECTOR-ADJUNTO: JOÃO DOMINGUES .

CHEFE DE REDACÇÃO: PAULO GORJÃO

CONSELHO EDITORIAL

ALEXANDRA PRADO COELHO . ANTÓNIO HORTA FERNANDES . ANTÓNIO MEGA FERREIRA . MARIA DO CÉU PINTO
. MARIA RAQUEL FREIRE . PEDRO MAGALHÃES . VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

CONSELHO CIENTÍFICO

ALEXANDRA BARAHONA DE BRITO . ALEXANDRE MANUEL . ANA PAULA BRANDÃO . ÂNGELO CORREIA .
ANTÓNIO MARTINS DA CRUZ . ARMANDO MARQUES GUEDES . CLÓVIS BRIGAGÃO . DIOGO FREITAS DO AMARAL
. EDUARDO LOURENÇO . FERNANDO D'OLIVEIRA NEVES . FERNANDO FRUTUOSO DE MELO . FRANCISCO DE
FREITAS FERRAZ . FRANCISCO SEIXAS DA COSTA . JEAN KLEIN . JOAQUIM AGUIAR . JOSÉ AZEREDO LOPES .
JOSÉ EDUARDO GARCIA LEANDRO . JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO . JOSÉ LUÍS DA CRUZ VILAÇA . JOSÉ MANUEL
PUREZA . JOSÉ PACHECO PEREIRA . MANUEL DE ALMEIDA RIBEIRO . MARCELO REBELO DE SOUSA . MÁRIO BATISTA
COELHO . MÁRIO BETTENCOURT RESENDES . MICHEL GIRARD . PAULA ESCARAMEIA . PEDRO BACELAR DE
VASCONCELOS . RUI PEREIRA . VITOR RAMALHO



REDACÇÃO E PUBLICIDADE

IPRIS – Instituto Português de Relações
Internacionais e Segurança
Rua Ferreira Borges, 193 – 1º F
1350-131 Lisboa
Telefone/Fax: (+351) 21 386 79 97
E-mail: ipris@ipris.org
URL: <http://www.ipris.org>

SECRETARIADO E ASSINATURAS

CIDEC – Centro Interdisciplinar de Estudos
Económicos
Palácio Pancas Palha
Travessa do Recolhimento de Lázaro Leitão, 1
1149-044 Lisboa
Telefone: (+351) 21 811 60 00
Fax: (+351) 21 811 60 88
E-mail: cidec@cidec.pt
URL: <http://www.cidec.pt>

DIRECÇÃO ARTÍSTICA E INFOGRAFIA

João Lázaro

DESIGN GRÁFICO

João Ribeiro Soares

ILUSTRAÇÃO

André Carrilho

Luís Lázaro

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Impresse 4, Lda.

DISTRIBUIÇÃO

Editorial Notícias, Lda.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA ANUAL (3 NÚMEROS)

Assinatura de apoio: 80,00 €

Assinatura normal: 40,00 €

Assinatura para estudantes: 27,00 €

Assinatura para a UE: 60,00 €

Assinatura para o resto do mundo: 75,00 €

Depósito legal n.º 65 317/93

ISSN 0873-6650



Índice

Editorial

- DIREITO INTERNACIONAL** **Será o Direito Internacional verdadeiro Direito?** 9
Diogo Freitas do Amaral
Análise sobre a maioridade do Direito Internacional enquanto direito positivo, vinculativo e obrigatório. A sua evolução histórica e inevitabilidade actual enquanto reforço da actual Globalização.
- IRAQUE** **As eleições iraquianas:
as condições de segurança e os alinhamentos políticos** 21
Maria do Céu Pinto
A segurança no Iraque «democrático» após as legislativas directas e multipartidárias de 30 de Janeiro de 2005. O papel étnico e religioso no desenrolar do processo securitário.
- SUDÃO** **O paradoxo afro-árabe: conflitos e intervenção no Sudão** 39
Patrícia Magalhães Ferreira
Análise da complexidade dos conflitos que se interligam no Sudão. As causas, os actores envolvidos e as reacções internacionais perante a evolução de um conflito interno com mais de 20 anos.
- EURÁSIA** **Compromissos e interesses:
contradições na relação OSCE-Rússia e o caso da Chechénia** 67
Maria Raquel Freire
A Rússia enquanto desafio para a OSCE. A postura cooperativa e competitiva daquele país e a procura de um relacionamento balanceado na gestão de princípios, compromissos e interesses por parte da Organização.
- TIMOR LESTE** **A política externa do Reino Unido
e a autodeterminação de Timor Leste, 1997–2002** 97
Paulo Gorjão
Abordagem da questão timorense pela política externa britânica, desde a ascensão ao poder do Governo de Tony Blair em 1997, até à independência de Timor Leste em 2002.

- ONU **As Nações Unidas e as ameaças à paz: a resposta possível** 125
Maria Francisca Saraiva
A hiperactividade do Conselho de Segurança das Nações Unidas desde 1990. Análise das resoluções aprovadas recentemente por oposição ao imobilismo característico do período da Guerra Fria.
- DIREITOS DO HOMEM **Os valores asiáticos e os direitos humanos** 141
Arnaldo Gonçalves
O peso dos Direitos do Homem nas relações internacionais e na vertente da acção externa dos Estados. Destaque para a questão aplicada às relações entre o Ocidente e o Oriente.
- EUROPA **Do sonho à realidade: práticas europeias de resolução de conflitos** 163
Helena Carrapiço
O papel da União Europeia na gestão de crises e as vias possíveis, a partir da introdução da Política Externa e de Segurança Comum nos Tratados de Maastricht e de Amesterdão.
- RECENSÕES **Aprender a comer sopa com uma faca: as dificuldades da contra-guerrilha** 183
Bruno Cardoso Reis
Recensão do livro *Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam: Learning to Eat Soup with a Knife* de John Nagl.
- Petrosimbiose** 193
Pedro Rosa Mendes
Recensão do livro *EUA e Angola: A Diplomacia Económica do Petróleo* de Ana Paula Fernandes.

As opiniões expressas nos artigos não correspondem forçosamente à posição da «Política Internacional», devendo ser consideradas da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

Editorial



JOÃO FERREIRA DE SOUSA

Três processos eleitorais recentes marcaram a actualidade internacional: as eleições na Ucrânia, na Palestina e no Iraque. Todas elas se realizaram em circunstâncias difíceis de intimidação, guerra ou violência terrorista, o que as poderia ter inviabilizado. Contudo, em todas elas os eleitores participaram de forma maciça, demonstrando que não abdicavam do direito de votar e de, por essa via, participar no futuro político dos respectivos países. Que concluir destes três eventos? Que, hoje, em todos os espaços civilizacionais é forte o apelo da liberdade e que o voto é uma das suas mais relevantes manifestações.

Os acontecimentos na Ucrânia mostram que, na Europa Central e Oriental, a vaga de democratização que se iniciou com a implosão da URSS não esmoreceu. Mostram também que a procura de mais liberdade é indissociável de mais prosperidade. Dito de outro modo, sem liberdade e um Estado de direito não há desenvolvimento.

Apesar de todas as limitações e dificuldades da União Europeia, de que todos temos bem consciência, esta continua a funcionar como um poderoso íman na Europa Central e Oriental. Uma verdadeira âncora para os novos Estados democráticos. É uma realidade que não podemos ignorar. A Ucrânia é um grande país europeu. Se assim o desejar, a evolução democrática permitirá a sua integração na União Europeia, tal como já antes o fizeram outros países do ex-Pacto de Varsóvia, ou antigos membros da URSS.

As eleições na Palestina e no Iraque mostram, caso fosse necessário, que a questão da liberdade e da construção de Estados democráticos se faz sentir em todos os espaços civilizacionais. O que não deixa de ser uma surpresa para quem, tendo como referência a experiência histórica, constata a quase absoluta falta de tradição democrática no espaço árabe e muçulmano. As eleições na Palestina e no Iraque revelam que, também nesse espaço, é possível o aparecimento de Estados genuinamente democráticos. Este facto é tanto mais digno de nota se se tiver em conta que, mais do que em qualquer outro contexto civilizacional, é precisamente no espaço árabe e muçulmano que estão os mais poderosos adversários da democracia. O seu expoente máximo é o terrorismo fundamentalista, cujo principal objectivo consiste, precisamente, em impedir o desenvolvimento da liberdade nesses países. Logo, o combate ao terrorismo fundamentalista é a melhor forma de apoiar quem luta pela liberdade e pela democracia nos países muçulmanos. Sem esse combate não teria sido possível a realização das eleições iraquianas.

A arma do voto contra a arma do terror revelou a sua eficácia na Palestina e no Iraque. Na Palestina, reabriu o caminho para as negociações de paz com Israel. No Iraque, o sucesso da participação eleitoral é o sinal que permite encerrar a evolução futura com algum optimismo, mesmo sabendo-se que o re-

sultado final é incerto e que o caminho a percorrer ainda estará seguramente cheio de sangue.

Palestina e Iraque mostram contudo que não devemos abdicar da liberdade e da democracia nos países muçulmanos. Mais perto de nós, a Turquia mostra que esse caminho pode ser trilhado e que aí também, tal como na Ucrânia, a União Europeia exerce o seu efeito enquanto íman de liberdade e de prosperidade.

P.S. – Durante treze anos, entre 1990 e 2002, a «Política Internacional» acompanhou os grandes acontecimentos da vida internacional e da acção externa portuguesa. Após uma interrupção, a «Política Internacional», hoje renovada, prossegue o caminho que foi o seu: o de uma revista independente e plural que, com isenção e rigor, procura contribuir positivamente para a qualidade da investigação e do debate, em Portugal e no espaço de língua portuguesa, sobre a política internacional.